



América Latina: Como transformar o bom de hoje no melhor de amanhã

Por [Dominique Strauss-Kahn](#)

25 de fevereiro de 2011

Nos últimos anos, a América Latina vem experimentando um enorme dinamismo econômico e melhoria na qualidade de vida. No entanto, diante de novos desafios, vale perguntar: como sustentar esses avanços?

Na semana que vem [entre 28 de fevereiro e 3 de março], visitarei o Panamá, Uruguai e Brasil. Será uma ótima oportunidade de trocar idéias com as autoridades, parlamentares e universitários sobre os principais problemas que seus países enfrentam na atualidade. Gostaria, então, de propor três temas que espero poder discutir durante esta viagem.

No atual período de vacas gordas, será verdade que tudo que é demais faz mal?

As economias latino-americanas estão crescendo rapidamente, beneficiadas pelas condições favoráveis à obtenção de financiamento externo e pela alta dos preços das *commodities*. Mas começam a surgir aqui e ali sinais preocupantes de um possível superaquecimento — inflação em alta, expansão acelerada do crédito e bolsas de valores aquecidas.

Todos sabemos como pode terminar essa história quando as autoridades não agem a tempo de evitar que a fartura se transforme em ressaca. No curto prazo, talvez o maior desafio dos governos latino-americanos seja conduzir suas economias a um pouso suave.

O primeiro passo deveria ser a retirada do estímulo macroeconômico adotado durante a crise, o que já está sendo feito por alguns países. Adotar uma política fiscal mais neutra pode ser um bom começo, para diminuir a necessidade de aumentar os juros. Em muitos casos, porém, as pressões inflacionárias demandam ações tanto de política fiscal quanto monetária. Flexibilidade cambial é importante. Nas atuais condições, a valorização da moeda pode ajudar a moderar a entrada de capitais, fazendo com que os investidores pensem melhor nos riscos cambiais. A preservação da estabilidade financeira talvez exija medidas prudenciais mais rigorosas. Controles sobre a entrada de capitais podem ser úteis temporariamente em alguns casos, mas não devem ser vistos como substitutos para medidas macroeconômicas ou prudenciais.

Estamos preparados para uma nova fase de vacas magras?

Com a crise financeira mundial apenas começando a ficar para trás, pode parecer prematuro pensar em possíveis choques futuros. Mas a economia global permanece vulnerável e é sempre bom estar preparado para o caso de o tempo fechar de novo. A experiência da América Latina durante a crise – recuperando-se muito mais rápido do que outras regiões – ilustra os benefícios de se construir mecanismos de proteção e reduzir vulnerabilidades em épocas de fartura. Durante a última década, os países da região fortaleceram suas políticas econômicas, reduziram

a dívida pública, aumentaram as reservas externas, deram maior flexibilidade ao câmbio e melhoraram a supervisão e a regulamentação financeiras. Tudo isso ajudou.

Mas e quanto ao futuro? Vou abordar duas áreas em que as economias da América Latina — e, por que não, do resto do mundo — deveriam concentrar seus esforços.

Primeiro, o chamado espaço fiscal. Uma das mais importantes lições da crise financeira mundial é que as economias com finanças públicas saudáveis tiveram mais poder de fogo para compensar o impacto da crise e proteger os mais vulneráveis. Daqui para a frente, os países devem não apenas reconstruir o espaço fiscal perdido, mas pensar em avançar ainda mais em termos de reduzir seu endividamento a níveis mais seguros. O Panamá é um dos países que tem avançado nessa direção.

Segundo, a estabilidade financeira. A crise também nos ensinou que problemas aparentemente isolados podem se propagar rapidamente por todo o sistema, afetar a economia inteira e ultrapassar fronteiras. Precisamos de melhores ferramentas para monitorar os riscos tanto dentro das instituições financeiras como entre elas, e também para dar autonomia a órgãos reguladores e fiscalizadores para que tomem medidas preventivas em tempo hábil. Na América Latina, vários países—incluindo o Brasil—vêm adotando medidas macroprudenciais importantes.

Por fim, como compartilhar melhor a fartura com toda a sociedade e com as futuras gerações?

A América Latina sofreu uma profunda transformação ao longo da última década, quando dezenas de milhões de pessoas saíram da pobreza. No Uruguay, por exemplo, a taxa de pobreza caiu nada menos que 10 pontos percentuais desde 2004. Hoje, o desafio é iniciar a próxima etapa dessa transformação, que trará as reformas necessárias para sustentar um crescimento forte por várias gerações e permitir que toda a sociedade possa compartilhar os frutos desse crescimento.

Reformas que impulsionem o aumento da produtividade, como a revitalização da infraestrutura e a melhoria da educação e treinamento, são essenciais. O fortalecimento da governança e a melhoria do ambiente de negócios também são elementos importantes de uma estratégia de crescimento.

Mas crescer por crescer não basta, e os líderes de toda a região estão certos ao se empenharem em reduzir a pobreza e a desigualdade de renda, que ainda são elevadas. Redes de proteção social mais eficazes são parte importante da estratégia. Inovadores programas de transferência de renda—como o *Bolsa Família* do Brasil—têm um papel importante e estão sendo copiados até nos Estados Unidos. A elevação dos gastos sociais e a melhoria da qualidade dos serviços nas áreas da educação, saúde e infraestrutura pública também são prioridades.

Em suma, a América Latina percorreu um longo caminho na última década. Mas a transformação ainda não está concluída. Cabe aos governantes da região aproveitar ao máximo as condições favoráveis de hoje para atingir um novo patamar.